

“Kant foi um idiota” ou o significado cultural do Kantismo segundo Nietzsche

Márcio Benchimol

Como citar: BENCHIMOL, Márcio. “Kant foi um idiota” ou o significado cultural do Kantismo segundo Nietzsche. *In*: MARTINS, Clélia Aparecida; MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo (org.). **Kant e o Kantismo**: heranças interpretativas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Brasiliense, 2009. p.9-15. DOI: <https://doi.org/10.36311/2009.978-85-11-00162-4.p372-383>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

“KANT FOI UM IDIOTA” OU O SIGNIFICADO CULTURAL DO KANTISMO SEGUNDO NIETZSCHE

Márcio Benchimol

Unesp/Marília

Igualdade com o inimigo – primeiro pressuposto de um duelo honesto...
(Nietzsche, *Ecce homo*)

Só ataco coisas que são vitoriosas...

Nunca ataco pessoas – sirvo-me da pessoa apenas como que de uma potente lente de aumento com a qual se pode tornar visível uma situação de perigo geral, porém fugidia, pouco apreensível.
(Idem).

É fato suficientemente conhecido que Schopenhauer, ao considerar o mundo como vontade e representação, toma como base e desenvolve a distinção kantiana entre fenômeno e coisa-em-si. Menos ainda sujeito à dúvida é que a filosofia de Nietzsche jamais poderia ter-se constituído tal como a conhecemos se não fosse pela indisputável influência que recebeu do pensamento de Schopenhauer, fundado na mencionada consideração dúplice do mundo. Assim é que sem Kant não teríamos Schopenhauer, e sem Schopenhauer...

Eis aí uma reflexão que não se deve deixar de fazer quando se fala na recepção nietzscheana de Kant, e que, em verdade, nos recomenda um distanciamento prudente quando nos confrontamos com a estridência algo malsoante das manifestações do Nietzsche mais maduro sobre o pensador de Königsberg. Outra coisa que se dever ter em conta é que a men-

cionada influência de Schopenhauer, por motivos facilmente perceptíveis, não poderia deixar de estender sua sombra sobre a relação de Nietzsche a Kant, a ponto de quase nunca ser tarefa simples distinguir, na recepção deste por aquele, o que foi recebido diretamente e o que foi coado pelo filtro schopenhaueriano. Além disso: claro, Nietzsche é filósofo, e, como muitas vezes ocorre na relação de um filósofo a outro, a sua apreciação de Kant é dependente de um juízo sobre o que seja filosofia, o qual é, conforme ele mesmo ressalta, completamente diverso do kantiano. Trata-se aqui, portanto, muito menos de uma questão de louvor ou demérito, do que de uma divergência quanto ao caráter e os escopos da filosofia. Esta divergência, porém, só poderá ser compreendida em considerando-se o papel e a função atribuída por Nietzsche à filosofia dentro do âmbito geral da cultura.

É quase um lugar-comum a classificação que conta o pensamento de Nietzsche entre as *filosofias da vida*. Mais rara é a percepção de que se trata também de uma filosofia da *cultura*, o que não exclui a referida classificação, mas a complementa e qualifica. Pois a vida que interessa a Nietzsche é, sobretudo e em primeiro lugar, a vida humana, a qual é, em seu modo de ver, necessariamente condicionada e tornada possível pela cultura. Quero com isto significar que para Nietzsche a cultura não é somente condição da existência, mas também instância formadora do homem, determinante de uma configuração específica do fenômeno humano; de maneira que cada formação cultural específica ensejaria o aparecimento de um *tipo humano* peculiar. A tarefa de pensar a vida torna então necessário pensar a cultura, no que está implicado uma tomada de posição frente a ela que será não apenas teórica ou crítica, mas também ativa e prática. Como *médico da cultura* o filósofo não deverá restringir-se a apontar os males da cultura, mas terá também de empreender seu tratamento e cura. Caberá portanto à filosofia, no entender de Nietzsche, a prerrogativa de participar ativamente da determinação dos rumos a serem seguidos pela cultura, e assim, da formação do homem futuro. Assim

sendo, o juízo nietzscheano sobre determinada filosofia será sempre dependente da sua apreciação sobre as formações e projetos culturais com os quais estaria ela comprometida, ou, dito de outra forma, de sua avaliação sobre o efeito que esta filosofia exerce ou deixa de exercer sobre o vir-a-ser da cultura e, portanto, do homem. Ora, como a própria posição de Nietzsche acerca dos destinos da cultura e do homem sofre considerável variação no decorrer de sua produção, não é de estranhar que sua apreciação de uma determinada filosofia possa variar drasticamente, mantendo-se porém inalterado o ponto de vista sob o qual essa apreciação é feita. Nas linhas que se seguem, procurarei indicar essa invariabilidade de ponto de vista no caso específico da filosofia kantiana, apesar da impactante transformação por que passa sua avaliação da mesma.

* * *

A primeira obra publicada por Nietzsche honra Kant como herói. O capítulo 18 de *O nascimento da tragédia* nos fala em tom francamente laudatório de como a *extraordinária coragem e sabedoria de Kant e de Schopenhauer* lograram obter a *mais difícil vitória*, a vitória sobre o frívolo e superficial otimismo que desde Sócrates jazia no seio da cultura ocidental.¹ Tinha origem esse otimismo em uma *representação ilusória (Wahnvorstellung)* vinda à luz por primeira vez na doutrina do mestre de Platão: a de que a razão estaria em condições de, seguindo o fio condutor da lógica, do conceito e da causalidade, penetrar a mais recôndita essência do real, de modo a conquistar um conhecimento absoluto e definitivo do mundo – e mesmo *corrigir* o mundo a partir do conhecimento daquela essência!² Tal era o esteio da poderosíssima *tendência socrática* que, renascida após o obscuro interregno medieval, procurara, desde o início dos tempos modernos, fazer da *ciência* – ou seja, do pensamento racional e conceitual – o princípio supremo e diretor da cultura, propi-

¹ *Die Geburt der Tragödie* (GT), cap. 18, *Kritische Studienausgabe* (KSA) v. 1, p.118.

² *Idem*, cap. 15, p.99.

ciando, por um lado, o monstruoso e incontrolado espraiamento do saber científico por todas as regiões da realidade e, por outro, a supremacia absoluta e exclusiva de um determinado tipo humano, o homem *científico* ou *socrático*.

Mas aquela representação ilusória trazia consigo uma exigência ao mesmo tempo ética e epistêmica que lentamente preparava a ruína do projeto civilizatório por ela fundado. Refiro-me à exigência da *veracidade absoluta*, da criteriosa busca da verdade, por mais incômoda e inconveniente que se revele, da resoluta eliminação do erro, por mais útil e confortante que este seja. E é precisamente esta exigência que o jovem Nietzsche reconhece como motivação íntima da *filosofia crítica*. O preço da certeza racional é a eterna desconfiança quanto à solidez dos fundamentos de todo conhecimento particular, e mesmo do conhecimento em geral, desconfiança esta que, levada à sua máxima radicalidade, faz finalmente nascer a pergunta sobre os limites do conhecimento, sobre o limite da própria razão. No entanto, a possibilidade de colocar-se diante desta pergunta de forma alguma deve ser pressuposta em todos os filhos da *tendência socrática*, pois é apanágio apenas daqueles que mais profunda e seriamente incorporaram a sua exigência de veracidade, e que não vacilaram em transportá-la mesmo à perigosa região onde a ciência se inflete sobre si mesma. Se em *O nascimento da tragédia* Kant aparece como o grande herói dessa virtude temerária que um Nietzsche mais maduro chamará *probidade* (*Redlichkeit*), é porque seu pensamento marca o momento em que a tendência científica exige a mais absoluta veracidade a respeito de seu próprio fundamento, e acaba por descobrir, malgrado seu, a vacuidade do mesmo. Na primeira crítica, o pensamento científico, que se havia historicamente afirmado em oposição à crença, derrota o que pareceria ser a última crença a restar ileso: precisamente aquela que fundamentava a sua pretensão de constituir uma cultura universal e eterna sob sua égide. Kant não apenas estabelece os limites do pensamento racional, mas demonstra que por trás destes limites há de permanecer sempre a tão al-

mejada essência do real, castamente escondida do impudente e inquieto olhar da razão. Com a percepção de que o absoluto é intocável pela razão e pelo conceito, se desenha o limite do projeto iluminista da *cultura científica*, abrindo-se espaço para o *conhecimento trágico* e ao possível ressurgimento da *cultura trágica* e do *homem trágico*, segundo o modelo da Grécia de Sófocles, Ésquilo e Heráclito.³

Mas caberia somente a Schopenhauer dar os primeiros passos na efetiva reconquista da sonhada pátria espiritual grega. Kant demonstrou o limite da ciência servindo-se das próprias armas desta, mas, porquanto desconhecesse quaisquer outras, não foi capaz de ir além deste limite. Nisso reside a causa de certa ambiguidade já presente na primeira apreciação nietzscheana do autor das três *Críticas*. Ignorando o potencial civilizatório da arte, que para Nietzsche deveria substituir a ciência como força diretora da cultura, Kant só poderia aparecer-lhe como o último e mais probo dos grandes representantes de uma cultura em vias de extinção, mas não como intelectual intrinsecamente comprometido com o vir-a-ser da cultura e do ser humano, e, portanto, não como filósofo, no sentido autêntico do termo.

* * *

Compreende-se assim, que, já na *Terceira consideração extemporânea*, publicada dois anos após o aparecimento de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche, sem deixar de reconhecer-lhe os grandes méritos, nega explicitamente a Kant o título de filósofo. Terá sido um grande pensador, inclusive dotado de gênio, mas não haveria ultrapassado o grau de douto (*Gelehrter*): *Um douto jamais poderá tornar-se filósofo; pois mesmo Kant não o pôde, mas, em que pese o ímpeto inato de seu gênio, permaneceu até o fim em uma espécie de estado de crisálida. Quem acredite que com essa sentença faço injustiça a Kant não sabe o que é um filósofo, nomeadamente não apenas um*

³ Cf. GT, p.16.

*grande pensador, mas também um homem em sentido pleno; e quando foi que de um douto surgiu um homem?*⁴

É ainda este tipo de concepção da filosofia que está por traz da apreciação nietzscheana do kantismo que vem a lume no aforismo de número 210 de *Para além de bem e mal*. É verdade que ali Kant continua grande, mas não é mais uma *grande natureza*, e sim um *grande crítico* e um grande... *chinês!* *Críticos*, diz Nietzsche, *são ferramentas do filósofo, e por conseguinte, enquanto ferramentas, de forma alguma seriam eles mesmos filósofos. Também o grande chinês de Königsberg foi apenas um grande crítico.*⁵

Na figura do *crítico*, tal como aparece em *JGB*, a exigência de veracidade absoluta ganha uma determinação puramente negativa. Seu talento é muito mais o de negar do que o de afirmar, sua coragem muito mais a de destruir do que a de criar. Já é neste sentido que a *Segunda consideração extemporânea* aponta a *crítica* como uma das três atitudes básicas que o historiador pode adotar frente ao passado. Na verdade, não é tanto o passado o que a *historiografia crítica* quer conhecer e esquadriñar, mas antes o presente, a fim de nele descobrir tudo aquilo que indevidamente sobreviveu à passagem do tempo. Com olhar perscrutador, objetivo e imparcial, ela condena ao desaparecimento tudo o que se funda nos antigos erros e superstições, tudo o que no presente ainda o conecta a uma época ultrapassada da cultura e, com isso, a um tipo humano já superado. Mas é na *Terceira consideração extemporânea* que a atitude crítica é mais claramente relacionada com a filosofia de Kant, contexto em que se destaca, mais que no escrito precedente, sua suposta periculosidade para a cultura. A interdição kantiana ao conhecimento da essência e da *coisa-em-si*, sugere Nietzsche, priva de seus fundamentos metafísicos todas as máximas representações e instituições da cultura, ocasionando sua progressiva eli-

⁴ *Ein Gelehrter kann nie ein Philosoph werden; denn selbst Kant vermochte es nicht, sondern blieb bis zum Ende trotz dem angeborenem Drange seines Genius in einem gleichsam verpuppten Zustande. Wer da glaubt, dass ich mit diesem Worte Kanten Unrecht thue, weiss nicht, was ein Philosoph ist, nämlich nicht nur ein grosser Denker, sondern auch ein wirklicher Mensch; und wann wäre je aus einem Gelehrten ein wirklicher Mensch geworden? Unzeitgemässe Betrachtungen, Drittes Stück, KSA, v 1, p.409-410.*

⁵ *Kritiker sind Werkzeuge des Philosophen und eben darum, als Werkzeuge, noch lange nicht selbst Philosophen! Auch der grosse Chinese von Königsberg war nur ein grosser Kritiker. Jenseits von Gut und Böse (JGB), 210, KSA v. 5, p.144.*

minação pela crítica. Sem nenhuma reverência à tradição nem condescendência para com os homens, o espírito crítico aniquila religiões, mitologias, leis, costumes, representações, sem se importar com o significado que tais coisas possam guardar para a vida humana.

Em *JGB*, essa mesma negatividade da crítica é louvada como importante virtude intelectual, e mesmo como momento indispensável da atividade filosófica, porém não suficiente para defini-la. Exatamente por ser meramente negativa, a crítica carece do elemento criativo e formador que para Nietzsche continua a ser a marca distintiva da filosofia. Ao filósofo, ainda aqui, cabe a tarefa máxima de criar novas e mais elevadas possibilidades de existência humana, o que, na linguagem característica da última fase nietzscheana, se traduz na exigência de que o filósofo seja capaz de *criar valores*, ou seja, representações e objetivos últimos através dos quais a vida possa adquirir significado, grandeza, profundidade e beleza. A crítica é portanto um dos degraus pelos quais a filosofia se eleva à sua suprema tarefa, um degrau em que Kant, não obstante, permaneceu, motivo pelo qual chega a ser um importante *trabalhador filosófico*, mas não um *filósofo* em sentido próprio.

É de se notar como ainda em *Para além de bem e mal* esta presumida deficiência da filosofia kantiana continua a articular-se com o tema do confinamento de Kant no interior da cultura moderna ocidental, o que paradoxalmente se expressa, segundo meu modo de ver, na metáfora do *chinês*. Encontra-se nesta obra um aforismo que condensa em poucas palavras o essencial do sentido emprestado por Nietzsche à sua noção caricaturesca de *chinês*, concedendo-nos com isso uma chave interpretativa direta para a passagem recém-citada: *Há um ditado entre os chineses*, diz-nos o aforismo 267, *que já as mães ensinam aos filhos: siao-sin “faz pequeno o teu coração!” Esta é a genuína tendência fundamental em civilizações tardias: não duvido de que um grego antigo reconhecesse por primeiro mesmo em nós europeus de hoje o auto-pequenamento – só com isto ser-lhe-íamos já “contrários ao gosto”*.⁶

⁶ *Es giebt ein Sprüchwort bei den Chinesen, das die Mütter schon ihre Kinder lehren: siao-sin „mache dein Herz klein!“ Dies ist der eigentliche Grundhang in späten Civilisationen: ich zweifle nicht, dass ein antiker Grieche auch an uns Europäern von Heute zuerst die Selbstverkleinerung herauserkennen würde, — damit allein schon giengen wir ihm „wider den Geschmack“.* JGB, 267; KSA, v.5, p.220-221.

Chegar-se-ia assim à algo desconcertante conclusão de que Kant, o *grande chinês*, seria, para Nietzsche, o *grande pequeno*. Mas em que consistiria, precisamente, sua pequenez? Para compreendê-lo é útil considerar este curto fragmento póstumo datado de 1884: *O cru pedantismo-provincianismo do velho Kant, a grotesca falta de gosto desse chinês de Königsberg, que no entanto foi um homem da obrigação e um funcionário prussiano*.⁷ Nesta anotação, que chistosamente alude à conhecida permanência de Kant por toda a vida dentro dos limites de sua cidade natal, a ideia de provincianismo (*Kleinstädtere*) nos parece sugerir que a alegada pequenez do filósofo teria algo a ver com aquela típica tacanhez dos habitantes das cidades pequenas (especialmente no século XVIII, mas não somente...), que pretendem ver nas ideias, leis e costumes vigentes entre seus concidadãos a única norma válida para a vida e convivências humanas. A suposição é reforçada e aprofundada por outro fragmento póstumo, já do ano seguinte, em que a *Kleinstädtere* é apontada como característica incorporada (*eingefleischte*) à alma alemã, resumindo em si a *pequenez e mesquinhez* (*Kleinheit und Erbärmlichkeit*) de uma alma sempre propensa ao *assentar-se em um rincão* (*Im-Winkel-sitzen*), e incapaz de perceber as coisas grandes, por mirá-las desde uma pobre *perspectiva de rã* (*Froschperspective*).⁸

Ora, considerando-se a *filosofia transcendental* a partir do único ponto de vista que para Nietzsche é decisivo, ou seja, do ponto de vista de sua relação com o ser humano, considerando-se, portanto, o *tipo humano* por ela preconizado, poderemos certamente vê-la como uma nada pequena (mas em verdade grandiosa) síntese de um ideal de humanidade gestado durante todo o século das luzes, no qual se articulam harmoniosamente uma apreensão científico-racional da natureza, uma moralidade universalista e igualitária e uma percepção estética que prio-

⁷ *Die plumpe Pedanterie und Kleinstädtere* des alten Kant, die groteske Geschmacklosigkeit dieses Chinesen von Königsberg, der aber doch ein Mann der Pflicht und ein preußischer Beamter war. Nachgelassene Fragmente (N.F.) 26[96], KSA, v. 11, p. 175.

⁸ *Die Kleinheit und Erbärmlichkeit der deutschen Seele, ihr theils genüßliches, theils neidisches Im-Winkel-sitzen, ihre eingefleischte „Kleinstädtere“, um an Kotzebue zu erinnern, ihre „Froschperspective“ für alle hohen Dinge, um mit den Malern zu reden, — wie schmerzlich. N.F. 36[41], KSA, v. 11, p. 568.*

riza a forma, profundamente aparentada com um íntimo sentimento de assombro quase religioso diante da ordenação perfeita dos fenômenos da natureza.

Mas, por admirável que se mostre esta síntese, ela diz respeito a apenas *uma* possibilidade humana, a saber, àquela propugnada e incentivada pelo Ocidente iluminista. *Este* Ocidente é a verdadeira Königsberg que Kant jamais deixou, o rincão em que permaneceu assentado. Seu pedantismo é o de pretender que o homem ocidental seja *o homem* enquanto tal, e que a cultura moderna europeia seja a culminância e forma mais alta de todas as culturas. Sua falta de gosto e provincianismo é seu desconhecimento da infinita multiplicidade e riqueza dos tipos humanos e culturas. Tais riqueza e multiplicidade requerem, para serem contempladas, não um olhar de baixo para cima, como no caso da *perspectiva de rã* (*para falar como os pintores*), mas [...] *o olho de Zaratustra, um olho que contempla o fato total homem[...] abaixo de si.*⁹

* * *

Quero por fim deter-me em uma reaparição do mote do *chinês de Königsberg* na última fase da produção nietzscheana. É, de fato, no aforismo de número 11 de *O anticristo* que o vemos retornar, porém, em um contexto em que necessita ser compreendido em um sentido mais amplo do que o implicado em *Para além de bem e mal*. Eis a passagem em questão:

[...] a “virtude”, a “obrigação”, o “bom em si”, o bom com o caráter da impessoalidade e validade geral – ficções mentais nas quais se exprime a queda, o último enfraquecimento da vida, a chinesidade königsberguiana [...] Uma ação à qual o instinto de vida impele tem no prazer a prova de ser uma ação correta: e aquele niilista de entranhas cristãs e dogmáticas entendeu o prazer como objeção [...] O que destrói mais rápido do que

⁹ ... *das Auge Zarathustra's, ein Auge, das die ganze Thatsache Mensch aus ungeheurer Ferne übersieht, — unter sich sieht ... Der Fall Wagner, Vorrede, KSA, v. 6, p.12.*

trabalhar, pensar, sentir sem uma interna necessidade, sem uma profunda escolha pessoal, sem prazer? Como autômato da "obrigação"? Esta é exatamente a receita para a *décadence*, mesmo para o idiotismo[...] Kant foi um idiota.¹⁰

Aqui se vê exemplificada uma tendência experimentada pelo personagem-conceito do *chinês* no decorrer da produção de Nietzsche. Com efeito, quanto mais esta produção se aproxima de seu prematuro termo, mais esta figura se verá associada a uma série de características e atributos correlacionados, tais como humildade, modéstia, subserviência, capacidade de obedecer, incansável e paciente aplicação ao trabalho, adaptabilidade à rotina, ausência de maiores pretensões além da máxima duração da vida e ausência de traços individuais distintivos (igualdade). Por todos estes atributos, o tipo humano assim designado pode ser visto como produto final daquela modalidade de valoração que a *Genealogia da moral* caracteriza como *moral do escravo*, chegando inclusive a identificar-se a um outro personagem conceitual de grande importância na filosofia madura de Nietzsche: o *último homem*. Porém, é o caráter bombástico da última assertiva do trecho recém-citado que aqui mais parece exigir uma explicação.

Cabe então esclarecer que a designação de Kant como *idiota* se inscreve no contexto da caracterização que *O Anticristo* faz da figura de Jesus, ali contemplado com idêntico qualificativo. E este contexto é precisamente o da crítica à imagem do Salvador como *herói*, apresentada na *Vie de Jésus* por Renan. A ação do herói, argumenta Nietzsche, representa a sua máxima autoafirmação, sua luta contra toda circunstância exterior que se oponha à realização de seu destino individual e que o impeça de ser plenamente quem é. Ela é índice de um extravasamento de um excesso de força,

¹⁰ Die „Tugend“, die „Pflicht“, das „Gute an sich“, das Gute mit dem Charakter der Unpersönlichkeit und Allgemeingültigkeit — Hirngespinnste, in denen sich der Niedergang, die letzte Entkräftung des Lebens, das Königsberger Chinesenthum ausdrückt. Eine Handlung, zu der der Instinkt des Lebens zwingt, hat in der Lust ihren Beweis, eine rechte Handlung zu sein: und jener Nihilist mit christlich-dogmatischen Eingeweiden verstand die Lust als Einwand ... Was zerstört schneller als ohne innere Nothwendigkeit, ohne eine tief persönliche Wahl, ohne Lust arbeiten, denken, fühlen? als Automat der „Pflicht“? Es ist geradezu das Recept zur *décadence*, selbst zum Idiotismus ... Kant wurde Idiot. Der Antichrist (AC), cap. 11, KSA, v. 6, p.177.

que, enquanto tal, é sempre causa e fonte de prazer. Jesus, porém, seria de todo avesso à luta, tendo por princípio a não oposição, o *não resistais ao mal, o dai a outra face*. Falando-se com o rigor do fisiólogo, diz Nietzsche,

Seria de se empregar aqui uma palavra bem diferente: a palavra idiota (*Idiot*). Conhecemos um estado de excitabilidade doentia do sentido do tato, no qual este, face a qualquer contato, a qualquer apreensão de um objeto firme, retrai-se imediatamente. Traduza-se um tal *habitus* fisiológico em sua lógica última – como ódio instintivo contra toda realidade, como fuga ao “impalpável”, ao “inconcebível”, ...como um estar em casa em um mundo em que nenhum tipo de realidade nos alcança, um mero mundo só e meramente “interior”, um mundo “verdadeiro”, um mundo “eterno” [...] “o reino de Deus está em vós”.¹¹

Semelhante fuga da realidade empírica em direção a um mundo interior está, segundo Nietzsche, na base da ética kantiana. Como é sabido, Nietzsche é um dos primeiros a sublinhar a ambiguidade da posição kantiana em relação à metafísica. O próprio *O anticristo* não deixa de observar que a mesma atitude cética e crítica, que no âmbito da razão especulativa impedira qualquer afirmação de uma realidade extra-fenomenal, deixa, no campo da filosofia prática, sub-repticiamente em aberto a possibilidade de sua existência, já que os mesmos motivos que impedem aquela afirmação também impedem sua negação.¹² A ação preconizada por Kant como moralmente boa, tendo como pressuposto a assunção da participação do indivíduo em um puro *reino dos fins*, seria então, assim como a derivada do exemplo de Jesus, o oposto da ação heroica. Não nasceria do embate entre uma vontade individual e uma realidade exterior que se lhe opusesse, mas de uma imersão do sujeito em uma interioridade absoluta

¹¹ *Mit der Strenge des Physiologen gesprochen, wäre hier ein ganz andres Wort eher noch am Platz: das Wort Idiot. Wir kennen einen Zustand krankhafter Reizbarkeit des Tastsinns, der dann vor jeder Berührung, vor jedem Anfassen eines festen Gegenstandes zurückschauert. Man übersetze sich einen solchen physiologischen habitus in seine letzte Logik — als Instinkt-Hass gegen jede Realität, als Flucht in's „Unfassliche“, in's „Unbegreifliche“, als Widerwille gegen jede Formel, jeden Zeit- und Raumbegriff, gegen Alles, was fest, Sitte, Institution, Kirche ist, als Zu-Hause-sein in einer Welt, an die keine Art Realität mehr rührt, einer bloss noch „inneren“ Welt, einer „wahren“ Welt, einer „ewigen“ Welt ... „Das Reich Gottes ist in euch“ AC, Cap. 29; KSA, v. 6, p.200.*

¹² *O Anticristo*, p.10.

por meio da qual este se retiraria do mundo empírico e se descobriria membro de um mundo superior e mais autêntico, no qual Nietzsche pensa poder reconhecer um sucedâneo do *reino dos céus*.

Concluirá Nietzsche, portanto, ser a filosofia prática de Kant incompatível com qualquer ética da afirmação da individualidade, precisamente naquilo que ela tem de específico e único. A universalidade do imperativo categórico implica não só que perante ele todos são iguais – assim como na doutrina cristã todos o são perante Deus –, mas também que cada um deve esforçar-se para igualar-se a todos. *Age sempre de acordo com uma máxima que possas querer ver tornada em lei universal* – isto para o último Nietzsche significa: iguala-te a todos, renuncia a ti mesmo, mitiga e arrefece tua vontade, ou, para falar como as mães chinesas, *faz pequeno o teu coração*.